

## **A crônica no Brasil: um gênero em mutação** **The chronicle in Brazil: a fickleness of a gender**

*Dirceu Magri<sup>1</sup>*

**Resumo:** Trata-se de reflexões sobre uma das principais características da crônica: sua capacidade de adaptação (mutação) ao longo do desenvolvimento dos periódicos. Reflete-se ainda, neste estudo, sobre a transferência cultural França-Brasil, destacando-se os jornais como arcabouço de tal transposição. Por fim, ressalta-se a presença de grandes autores no gênero, em que ora atuam como romancistas, ora como cronistas e, dentre eles, Machado de Assis como um dos esteios da crônica no Brasil.

**Palavras-Chave:** Crônica, Periódicos oitocentistas, Machado de Assis, Relações Brasil-França.

Dentre inúmeras leituras possíveis, pode-se afirmar que o sentimento de modernidade está em parte calcado na ideia de transformação, veiculada de forma intensa através dos veículos midiáticos. De certo modo, as profundas mudanças experimentadas pela sociedade contemporânea não fazem mais que acentuar em seu seio uma enormidade de conflitos que, desde a antiguidade, foram parte de seus constitutivos. A amplitude de interesses não só reinventou símbolos pré-existentes - a exemplo da indumentária -, como também fez com que inúmeros outros se proliferassem, tais quais famílias, empresas e marcas, que, ao longo dos séculos XIX e XX, tornaram-se emblemas de sucesso. Outros tantos ainda, como o cinema, acabaram por representá-la senão em sua totalidade, mas pelo menos em parte daquilo que é ou aparenta ser.

Ao jornal, nesse contexto, podemos atribuir caráter simbólico, representativo de uma sociedade em determinado momento histórico, desde que se compreenda a tradução desse símbolo como o conjunto de muito das informações e relatos dos acontecimentos de um período. Ao menos, a partir das informações ali veiculadas, torna-se possível fazer o recorte

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Letras (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês), pela Universidade de São Paulo – USP. Professor Visitante de Língua e Literatura Francesa Universidade Federal de Viçosa - magridirceu@gmail.com

de uma época, reconstituir um determinado grupo. Importante elemento da vida social desde o seu desenvolvimento no início do século XIX, ainda hoje o jornal dispõe de certa primazia no âmbito da imprensa, figurando como um dos símbolos representativos da vida moderna ao responder pelos diferentes interesses que compõem seu amálgama. A crônica aí inserida - e também por seu vínculo estreito com a história -, consequência direta de suas modificações, segue caminho paralelo iluminando aqui e ali, momentos circunstanciais do todo.

A voraz competitividade dos meios de divulgação demanda agilidade nunca antes vista, comportamento que visa sobretudo a multiplicação do público leitor. Assim, a exemplo do jornal que se elabora e se altera a cada instante, quer se tratando do aspecto formal, temático, conceitual ou receptivo, a crônica empreende idêntica trajetória.

Como resultado, o que se tem hoje é um jornal composto de vários outros jornais. A crônica, aí presente desde o seu aparecimento, embora modificada, mantém-se firme em responder ao seu princípio básico de continuar a registrar o circunstancial. Porém, agora travestida de novas facetas que lhe imprimem caráter de especificidade. De maneira que se pode afirmar certo esfacelamento<sup>2</sup> dentro do próprio gênero, com o abandono do geral, da visão ampla, do cronista falando de tudo um pouco à medida que muda de parágrafo, e indo em direção ao específico, para a pequena pedra que perfaz o mosaico. Se antes o cronista era só cronista, hoje ele é cronista político, cronista econômico, cronista esportivo, etc., assim como a crônica deixou de ser só crônica para ser crônica de entretenimento, crônica esportiva, crônica da vida social... Diferentes crônicas, diferentes cronistas, públicos diferentes, que, unidos, desenham o cotidiano global.

Não que esse reducionismo ou diminuição de foco tenha simplificado a crônica no que se refere principalmente ao seu conteúdo. Certo, este pouco se modificou face às infinitas possibilidades de o cronista resgatar toda a complexidade do circunstancial, ainda que os breves instantes captados sejam sempre esportivos ou políticos. A partir dessa reflexão sobre seu estado atual é possível voltar-se ao passado e deslindar parte do caminho já percorrido por este gênero desde que aqui aportou, se aclimatou e, parece, inconstante, tornou-se endêmico ao retratar o cotidiano brasileiro.

Uma das razões atribuída às sucessivas transformações do gênero é o seu vínculo com a história, seu percurso sempre paralelo às conquistas e ao desenvolvimento da nação. A vizinhança é tão relevante que chegou mesmo a alterar sua identidade, provocando sua primeira mutação: o que no século XVI foi crônica, tempos depois tornar-se-ia a certidão de

---

<sup>2</sup> Entenda-se esfacelamento como multiplicação, sem qualquer conotação negativa.

nascimento do Brasil (SÁ, 2004: 5-6). Em princípio, limitou-se a textos quase que exclusivamente documentais, fonte de inúmeros registros da memória nacional e ofício regular que manterá até o início do século XIX, quando ocorre um acontecimento radical e inovador: a acentuada difusão do jornal.

Mesmo décadas após sua ocorrência, o jornal continuaria suscitando admiração. Tanto é que João do Rio, em 1915, aventura-se na ideia de que nada mais acontecera após o descobrimento da América e da expansão do jornal - essas duas grandes utopias iluministas -, além de considerá-lo instituição de efeito salutar para a democracia (ANTELO, 1992: 153). Machado de Assis, embora discreto, não consegue conter os arroubos da juventude e vaticina: “Sou filho deste século, em cujas veias ferve o licor da esperança. Minhas tendências, minhas aspirações, são as aspirações e as tendências da mocidade; e a mocidade é fogo, a confiança, o futuro, o progresso”. Ora, Machado faz tal afirmação pouco depois de anunciar que iria “traçar algumas ideias sobre uma especialidade, um sintoma do adiantamento moral da humanidade”, sintoma que logo depois saberá o leitor, trata-se do jornal. Nesta crônica-artigo em que discute se o jornal absorverá e devorará o livro, afirma:

Mas restabeçamos a questão. A humanidade perdia a arquitetura, mas ganhava a imprensa; perdia o edifício, mas ganhava o livro. O livro era progresso; preenchia as condições do pensamento humano? Decerto; mas faltava ainda alguma coisa; não era ainda uma tribuna comum, aberta à família universal, aparecendo sempre com o sol e sendo como ele o centro de um sistema planetário. A forma que correspondia a estas necessidades, a mesa popular para a distribuição do pão eucarístico da publicidade, é propriedade do espírito moderno: é o jornal.

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.

O jornal apareceu, trazendo em si o germen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social (ASSIS, 1973: 943-945).

Machado, no cotejo entre os dois veículos de conhecimento, se distancia dos limites impostos pelo livro e parte em direção ao universal, conferindo ao jornal característica de elemento planetário e revolucionário, capaz de alavancar o progresso e trazer a modernidade. Em princípio, embora trate do embate livro-jornal, é explícito seu aproveitamento como arma política e de disseminação de ideias de cunho marcadamente democrático em oposição ao “direito da autoridade bastarda consubstanciada nas individualidades dinásticas”. Interessante notar aqui o desvio conotativo em operação produzido pelo autor ao associar o alcance e o movimento do novo veículo de imprensa ao sol, só que agora não mais como astro central, de extrema grandeza, associado ao poder, às dinastias e reis - veja-se Louis XIV -, mas modificado e difuso, capaz de alimentar as convicções e disseminar o frescor de novas ideias, assim como o trem, sinônimo de novos e modernos tempos que, em sua versão urbana - o bonde<sup>3</sup>-, irá permear suas crônicas como um fio condutor representativo das transformações na antiga capital.

O desenvolvimento do jornal altera completamente as interligações comunicativas de então, fazendo com que a crônica abandone sua característica documental e informativa, perca o semblante sisudo e árido dos textos padronizados e ou jurídicos e, de certa forma, se *enterneça*. Com o universo de recepção repentinamente ampliado, a imprensa diversifica seus objetivos, o que resultará na abertura de espaço para a reflexão, o comentário e a ficção. Antes acentuadamente impessoal, a escrita adquire nova nuance, se abranda, parte para a literariedade, se multiplica. Interrompida em sua quietude de quase três séculos, período em que se ocupou do documental, a crônica sofre mudança abrupta. No processo de transição que vem a seguir, abraça o geral e apresenta de tudo um pouco: informações, pequenos artigos, poemas em prosa, breves ensaios literários, etc. Tal procedimento a leva a arranhar as fronteiras de gênero outro que não o seu - o conto -; é então chamada inadvertidamente de *folhetim*, já que está inserida no que antes, na França, uma dia fora chamado de *feuilleton*.

Esse olhar para baixo, desdenhoso e enviesado, esse chamar a crônica de gênero de segunda grandeza, rasteira, pé-de-chinelo (MEYER, 1992: 128), que se ocupa do comezinho (ALENCAR, 1960: 648), do detalhe, do instante que se evapora na voragem do tempo,

---

<sup>3</sup> O primeiro bonde do Rio de Janeiro, puxado a burro, circula a partir de 30/1/1859 ligando o Largo do Rocio (atual Praça de Tiradentes) e um local perto da atual Usina, na Tijuca, num trajeto de 7 km de comprimento. Mais tarde, em setembro de 1862, esta linha tem a tração animal substituída por bondes a vapor, o que leva a companhia exploradora do serviço à falência e sua extinção em 28/11/1865. Três anos depois, em 8/10/1868, é inaugurado o primeiro trecho da linha de bondes da *The Botanical Garden Rail Road Company*, ligando a esquina das ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias, no Centro, ao Largo do Machado, no Catete. Em 19/1/1870, a recém-criada companhia *Rio de Janeiro Street Railway* reabre a linha da Tijuca. Logo no início de outubro de 1892, aparecem os bondes elétricos. Está criado, na cidade do Rio de Janeiro, um sistema de transportes públicos sobre trilhos que permanecerá, com muitas alterações, naturalmente, até nossos dias, com o histórico bonde de Santa Teresa. Para saber mais, consulte *O Bonde na Paisagem Carioca* (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Departamento Geral de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 12/6/1984, catálogo da Exposição Fotográfica homônima.)

desconfio seja culpa dela mesma, ou melhor, de seus antepassados, já que em sua origem, o *feuilleton* fora assim chamado, mais por sua localização geográfica no jornal, que por seu conteúdo.

Na parte inferior da página, no rodapé, em um espaço quase sempre ignoto ao primeiro olhar, diminuído pela empáfia da manchete superior da primeira página, nasceu a crônica; talvez por isso tenha tido desde sempre esse jeito meio informal, meio anárquico, volúvel, lúdico, parecido com da conversa fiada (CANDIDO, 1992: 20), sem a rigidez cerimoniosa e habitual do documental. Afinal, era preciso atrair e despertar a curiosidade do leitor.

Não por outra razão, desde os idos começos do século XIX, o *feuilleton*, abriu espaço para tudo: críticas teatrais, artigos de ciência e literatura e os chamados *fait-divers* relatando crimes, estórias imaginárias e fantásticas de monstros; ali, ofereciam receitas de cozinha e de beleza, contavam piadas e anedotas, propunham charadas, enfim, era um espaço aberto que possibilitava exercitar várias formas e modalidades de escrita.

Ora, o nascimento do *feuilleton* coincide com a democratização da imprensa, justamente o momento em que Émile de Girardin e Armand Dutacq (1836) modificam toda a disposição visual dos periódicos, iniciando o que seria chamado de *quotidien à bon marché*. Com preços relativamente caros para a época, resultado de baixas tiragens e custo elevado, o jornal passa ao largo do grande público. Girardin, ao reduzir o preço de venda não só objetiva a conquista de um público maior, como também espera que o jornal, disseminado entre o povo, seja veículo emissor de alfabetização e educação. Para que tal empreitada se torne viável, é preciso atrair grande número de anunciantes, uma vez que os já existentes mal cobrem os custos de produção; e é para garantir àqueles um grande número de leitores que se decide publicar romances completos, à conta gotas, no *rez-de-chaussé*, o que certamente em muito contribuiria para a fidelização dos leitores. É daí *la naissance de la presse à 40 francs*<sup>4</sup> (NETTEMENT, 1845: 2), mas tarde vilipendiada por Sainte-Beuve na expressão *literatura industrial* (MEYER, 1992: 98).

Em 1º de julho de 1836, Girardin et Dutacq fundam o *Le Siècle*. Logo depois, nos passos deste, surge o *La Presse*. De 15 de julho a 11 de setembro do mesmo ano é publicado no *Le Siècle*, *La Comtesse de Salisbury*, de Alexandre Dumas; em seguida, no *La Presse*, de 23 de outubro a 30 de novembro, aos leitores será oferecido *La Vieille Fille*, de Balzac. Na feitura desse *dessert* tão apreciado, e largamente consumido pelos leitores, nestes e noutros jornais, não foram poucas as contribuições, dentre as quais convém destacar as de Alexandre

---

4 “nascimento da imprensa a 40 francos”.

Dumas Pai, Eugène Sue, Balzac, Paul Féval, Soulié, Montepin, Souvestre, Ponson du Terrail, Berthet, etc.

Posto isto, convém lembrar aqui a velha *ponte* França-Brasil: desde que aqui aportou em longa visita à região de Santa Catarina (1504), o “Capitão” francês Binot Paulmier de Gonneville, dá início a um intercâmbio que irá culminar no auge da transferência francesa na segunda metade do século XIX, quando se popularizam referências intelectuais e modelos gálicos de vida social. Os *transferts culturels*<sup>5</sup> são superabundantes: da filosofia à moda, da culinária à literatura, quase tudo tem um símile francês na sociedade brasileira de então, uma corte afrancesada acantonada na imensidão dos trópicos. Tão intenso era o trânsito de ideias que dois dos mais importantes autores daquele século, justamente Machado de Assis e José de Alencar, francófilos, não se abstêm em seus comentários:

Nós macaqueamos dos franceses tudo quanto eles têm de mau, de ridículo e de grotesco, nós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para transformarmo-nos em bonecos e bonecas parisienses,.. (ALENCAR, ‘Ao correr da pena’- crônica de 29.10.1854 - 1960: 665)

Tratemos das três formas essenciais: - o romance, o drama e a poesia.

Ninguém que for imparcial afirmará a existência das duas primeiras entre nós; pelo menos, a existência animada, a existência que vive, a existência que se desenvolve fecunda e progressiva. Raros, bem raros, se têm dado ao estudo de uma forma tão importante como o romance; apesar mesmo da conveniência perniciosa com os romances franceses, que discute, aplaude e endeusa a nossa mocidade, tão pouco escrupulosa de ferir as susceptibilidades nacionais. (...) E todavia assim é. Não somos severos: os fatos falam bem alto. O nosso teatro é um mito, uma quimera. E nem se diga que queremos que em tão verdes anos nos ergamos à altura da França, a capital da civilização moderna; não! Basta que nos modelemos por aquela renascente literatura que floresce em Portugal, inda ontem estremecendo ao impulso das erupções revolucionárias.

Para que estas traduções enervando a nossa cena dramática? Para que esta inundação de peças francesas, sem o mérito da localidade e cheias de equívocos,

---

<sup>5</sup> Termo cunhado por Michel Espagne nos anos 80 e que surge como evolução conceitual dos estudos anglo-saxões de aculturação que permeiam os campos da antropologia, etnologia, sociologia, psicologia e da psiquiatria. O *transfert culturel* admite a apropriação do objeto cultural, mas, sobretudo, a emancipação do modelo que o constitui, caracterizando-se numa transposição, por mais distante que seja, tão legítima quanto original (ESPAGNE, 2013), mitigando, assim, a superioridade (autenticidade) do original (ou centro de irradiação) sobre a cópia (ou local de recepção).

sensaborões às vezes, e galicismos, a fazer recuar o mais denodado francelho?  
(MACHADO DE ASSIS, 1973: 788)

No entanto, Machado anos mais tarde, constata:

“Vivemos de, por e para Paris. (MACHADO DE ASSIS, 1957: 293)

Em seu artigo *Galofilia e galofobia na cultura brasileira* (2001: 41-59), L. Perrone-Moisés destaca esse movimento de atração-rejeição que perdurou até o século seguinte; ora são as crônicas de João do Rio que assinalam o ridículo de uma cidade que imita os aspectos mais superficiais da sociedade francesa, ora é Lima Barreto a zombar da tropical Paris cenográfica em seus romances satíricos, e, mais tarde será Mário de Andrade a qualificar a sua São Paulo natal de “galicismo a berrar nos desertos da América” (2002: 43) e daí enviar “um sorriso irônico à cidade de Paris”, num humor capcioso que remonta àquele de Machado em sua crônica de 7.3.1889:

“Pego na pena com bastante medo. Estarei falando francês ou português...” (1973: 517)

Contrário ou a favor, o fato é que a presença francesa se intensificara após a Missão Francesa de 1816, e como um avassalador agente cultural se instala nas atividades da vida social em sua quase totalidade (PASSOS, 2000: 24), principalmente no campo literário, onde produz efeitos que alterariam drasticamente seu percurso ulterior, diga-se de passagem, percurso ainda mal iniciado.

Se “A Missão, introduzindo o Neoclassicismo nas artes plásticas, afastava o país dos seus aspectos coloniais tão enraizados.” (Idem: 25), logo depois, pós independência, na busca da construção de uma literatura nacional, é nos franceses que a jovem nação se mira, repudiando Portugal, a pátria política, agora a metrópole sinônimo de exploração e opressão. A França então aparece como a pátria cultural, cujos símiles florescerão largamente por aqui por mais de um século, até começar a perder hegemonia em alguns aspectos para a cultura norte-americana; ou seja, foi então, o caminho escolhido - não imposto - a seguir.

Convém, entretanto, afirmar que, embora expressiva, a escolha pela cultura francesa em nenhum momento foi unilateral, até mesmo porque, por evidentes razões históricas, a partir do século XIX, à época dessa escolha, os ingleses por aqui já estavam presentes a

contribuir não só com seus muitos manufaturados, mas também com Byron, Poe, Walter Scott, Shakespeare, Locke..., que junto de italianos e espanhóis, formariam um *melting pot* cultural - universo exemplarmente desenhado pela crônica machadiana, até encontrarmos aquilo que pudéssemos chamar de nosso; se não genuinamente nosso, ao menos recebido e digerido à nossa maneira.

Nessa lógica, nada mais natural que o jornal se espelhasse em seus cânones franceses: e aqui o *feuilleton* torna-se *folhetim*. Em princípio (retomando em parte o que foi dito acima), nome genérico a designar partes de sucessivos capítulos de um romance publicadas em jornal, também será a denominação do espaço geográfico, da parte inferior da página do jornal destinada ao frívolo, ao entretenimento, aos comentários quotidianos. E é aí que a crônica cria raízes, vizinha ao folhetim. Contudo, vale ressaltar aqui a estreita ligação das produções jornalística e literária, ambas, dependentes uma da outra. Como não se pode deixar de notar, o folhetinista se alterna e, ora é romancista, ora é cronista. Exemplo disto? José de Alencar no *Diário do Rio de Janeiro* ora é o folhetinista romancista de *O Guarani*, ora o cronista de *Folhas Soltas* (ARRIGUCCI JR., 1987: 56-57).

Malgrado a relação íntima entre a produção jornalística e literária, fruto principalmente do relacionamento ocorrido no espaço do folhetim, cujo resultado faz da primeira uma escrita imbuída e perpassada de termos, formas e modalidades literárias, a separação se tornará inevitável. Com a impressão e divulgação de livros no país, o texto literário, isto é, o romance (e o romancista) liberta-se da até então inelutável dependência do jornal. Embora ainda por muito tempo continuasse a publicação de romances capitulados nos jornais, esses não mais exerciam a atração e importância de antes, quando eram responsáveis pela fidelização de um público leitor. O mercado editorial se desenvolve e o romance ganha *status* e forma diferente, vira volume.

Partindo o romance, há sobra de espaço e o jornal se reorganiza: a crônica entra em evidência e se desloca do rodapé da página, embora por natureza ou vício continue a tratar da coisa pequena, rasteira, do instante fugaz, que só ela, de maneira singela, brincalhona e bem humorada, conseguirá perpetuar no tempo. O momento já é outro e a crônica como ser mutante vai mais uma vez corresponder à dupla metáfora do cronista às vezes colibri, às vezes beija-flor, a zigzeguear de um assunto a outro, para produzir matéria que seja um misto de comentário, informação<sup>6</sup> e ficção.

---

<sup>6</sup> Antonio Candido em seu notório artigo *A vida ao rés-do-chão* (supracitado, p. 12), afirma: “Ao longo do percurso, foi largando [o folhetim] cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir.” Embora o crítico se refira ao folhetim, o faz tratando-se da crônica, já que descreve a transformação daquele em crônica, com esta se originando naquele, ou melhor, como se o folhetim sofresse mutação, alterando-se em busca de um aperfeiçoamento genético até tornar-se crônica. Com relação ao informar, e já que a crônica se caracteriza por ser a tal *conversa fiada*, é evidente que o cronista tem no leitor ideal



Este zigzaguear do cronista talvez seja o movimento responsável pela então produção de uma crônica acentadamente ficcional, com densidade que resvala a fronteira de outros gêneros - ora beira o conto, por exemplo. No entanto, com a migração definitiva de grande parte desses ora cronistas ora romancistas para o romance, o que temos como resultado é uma crônica de aspecto mais jornalístico, pendendo para a observação, o comentário; muito embora, não raro, esse não seja mais que um mero disfarce para a crítica que aí está presente, às vezes truncada, à espera de ser descoberta pelo leitor.

Não obstante sua popularização, a crônica não mais traz a presença maciça de grandes autores<sup>7</sup>, a exemplo dos tempos em que esses viam no jornal o principal veículo de divulgação da poesia e da literatura que produziam, idos em que ora eram romancistas, ora eram cronistas. A crônica se ressentiu disso e recebe os articulistas e os comentaristas, que chegam com a vulgarização do gênero. Ora, essa ausência de grandes autores não foi por via de regra total; houve exceções. Machado de Assis foi uma delas. Desde seus primeiros ensaios em prosa para a *Marmota Fluminense* em 1856 (MASSA, 1971: 640-661), passando pelas primeiras crônicas no *Diário do Rio de Janeiro* em 1861, até 1900, manterá constante produção jornalística. Excluindo-se aqui o período compreendido entre 1878 e 1883, no qual não há registro de qualquer escrito para jornal (LUCA, 2004: 17).<sup>8</sup>

Machado de Assis nesse hibridismo do jornalismo com a literatura se escora, como qualquer cronista, no acontecido, no detalhe, no fato; no entanto, apresenta-os de maneira a escapar de qualquer classificação, uma vez que imprime à sua escrita um caráter marcadamente ambíguo, fazendo-a moderna, atual, visto sua habilidade em perscrutar o fato de diferentes perspectivas, sob diferentes olhares, até ganhar a cumplicidade do leitor, no exato momento em que a dúvida neste se instala, resultado de uma escrita que diz o que diz nas entrelinhas. Com isso, Machado torna-se um esteio do gênero no século XIX, não só produzindo textos que desqualificam a transparência do circunstancial, do detalhe, do simples fato enquanto verdade, já que a estes se sobrepõe o literário, mas contribuindo sobretudo para a mutação da crônica em terras brasileiras.

---

um interlocutor que, ou já tomou conhecimento da conversa ou, se vai fazê-lo agora, é como ele, narrador, isto é, já está à vontade para colocar o seu ponto de vista e suas impressões, descaracterizando o fato em si enquanto notícia, tornando-o difuso pelas impressões e subjetividade do cronista. O narrador toma o leitor por aquele que precisa de alguém que converse com ele, que comente.

<sup>7</sup> Entenda-se por *grandes autores* aqueles literatos cujos nomes indubitavelmente figuram entre os comumente citados pela crítica e pelos manuais como participantes na construção e na consolidação da ainda incipiente *Literatura Brasileira*. É graças à presença de autores como Francisco Otaviano (1851), Manoel Antônio de Almeida (1852), José de Alencar (1854), Machado de Assis (1855), Coelho Neto (1885), Olavo Bilac (1888), etc., que a crônica ganha destaque [Em parênteses provável data dos primeiros registros em jornal dos autores citados].

<sup>8</sup> Entretanto, a informação de LUCA diverge da de L. M. PEREIRA (1998: 211), que afirma: “A não ser de setembro de 1878 a outubro de 1879, quando esteve doente, nunca, dos dezesseis aos cinquenta e oito anos, de 1855 a 1897, dos versos da *Marmota* à ‘Semana’ da *Gazeta de Notícias*, deixou de colaborar regularmente para vários lugares ao mesmo tempo.”

## Referências bibliográficas

ALENCAR, José de. Ao correr da pena. In: *Obras Completas*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1960.

ANDRADE, Mário de. *Paulicéia Desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922. Edição fac-símile integrante de *1922 Caixa Modernista 2002*.

ANTELO, Raúl. João do Rio - Salomé. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e Comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSIS, Machado de. O Jornal e o livro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 e 12/1/1859. In: Miscelânea. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1973.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LUCA, Heloisa H. Paiva de. *A Poética de um gênero: Molière nas crônicas machadianas*. 2004. 315 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: USP, 2004.

MACHADO DE ASSIS. O passado, o presente e o futuro da literatura. (*A Marmota*), Rio de Janeiro, 9 e 23/4/1858. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1973.

\_\_\_\_\_. *Crônicas*. História de quinze dias, 15.11.1877. Vol. 24. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1957.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editôra Civilização Brasileira S.A., 1971.

MICHEL Espagne. “La notion de transfert culturel”, *Revue de Sciences/Lettres* [En ligne], 1, 2013. URL : <http://rsl.revues.org/219>; DOI : 10.4000/rsl.219.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se fez a crônica. In: *A Crônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

NETTEMENT, M. Alfred. *Études critiques sur le feuilleton-roman*. Paris: Librairie du Perrodil, Éditeur, 1845.

PASSOS, Gilberto P. *O Napoleão de Botafogo: presença francesa em Quincas Borba* de Machado de Assis. São Paulo: Annablume, 2000 (Coleção Parcours).

Pereira, Lúcia Miguel *Machado de Assis*.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Galofilia e galofobia na cultura brasileira*. Revista Gragoatá. Niterói, N° 11, 2° Semestre 2001.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios, 2005.

**Résumé:** Il s'agit de réflexions sur l'une des principales caractéristiques de la chronique : sa capacité d'adaptation (mutation) tout au long de l'élaboration des périodiques. On réfléchit dans cette étude encore sur les transferts culturels France-Brésil, en particulier les journaux comme pivot de cette mise en œuvre. Enfin, on relève la présence de grands auteurs dans le genre, où ils jouent le rôle tantôt de romanciers, tantôt de chroniqueurs et, parmi eux, Machado de Assis comme l'un des piliers de la chronique au Brésil.

**Mots-clés :** Chronique, Périodiques dix-neuviémistes, Machado de Assis, Relations France-Brésil.